

TONS ROSA DE TRANSGRESSÃO E EROTISMO NO CADERNO ROSA DE LORI LAMBY DE HILDA HILST

Aline Nery dos Santos¹
Roberto Henrique Seidel²

Resumo: O presente trabalho visa analisar a literatura de autoria feminina, o erotismo e as transgressões no *Caderno rosa de Lori Lamby*. Hilda Hilst tece uma narrativa que traz à tona o preconceito canônico pela literatura erótica e feminina, colocando em cheque a visão do erotismo na sociedade, ressaltando as construções identitárias da escrita de gênero. Além disso, o pornográfico no *Caderno rosa de Lori Lamby* perpassa o cunho estritamente sexual e parte para um ato de transgressão e resistência. Brincando no abismo das chagas sociais o que autora satiriza não é somente o desejo pelo sexo e pela pornografia, mas também a necessidade capitalista do dinheiro, da ganância e da opressão midiática. Rompendo as estruturas e se entregando ao perigo, Hilst provoca o leitor, mostrando um erotismo forte, um narrador sarcástico e por ora cruel com uma eloquência que prende o leitor até o desfecho da narrativa. Para a discussão teórica são utilizados como aporte os conceitos de Bataille (1986), Freud (1996), Paes (2006), Agamben (2009), entre outros.

Palavras-chave: Gênero, Erotismo, Sexualidade, Transgressão.

Hilda Hilst: Uma mulher contemporaneamente obscena

“Todos nós estamos na sarjeta,
Mas alguns de nós olham para as estrelas.”
Oscar Wilde
E quem olha se fode.
Lori Lamby

Hilda Hilst é uma das grandes autoras da contemporaneidade. Escreve contos, poesias e narrativas que empolgam e envolvem o leitor. Tem uma escrita leve, delicada,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PROGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: neryline@hotmail.com

² Professor Orientador do Pós-Graduação em Estudos Literários (PROGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: r.h.seidel@gmail.com



mas costuma utilizar um ingrediente a mais em algumas das suas obras: o erotismo, a obscenidade e a perversão. Para alguns críticos, essa não é uma característica de uma escrita feminina, até porque, a autora em questão adora abordar palavras de baixo calão e xingamentos para expressar as fantasias e desejos de seus personagens, nada que a afaste do universo sexual que as pessoas vivem, no entanto o que choca a maioria dos leitores é pelo fato dela ser mulher e utilizar de alguns artifícios que são estereotipadamente taxados de masculinos.

A escrita denominada feminina sempre enfoca o sexo de forma sutil, metaforizando-o ou deixando nas entrelinhas e relegando as produções masculinas o sexo escrachado, segundo Paes (2006), ““uma hegemonia quase total de um discurso, por assim dizer falocêntrico, em que o Eros feminino só aparece como ausência ou vazio delimitador”” (PAES, 2006, p. 12). A mulher vai se libertando da hegemonia masculina, e vai expandindo seu olhar para o erótico, se permitindo, sem pudor abordar temáticas eróticas em suas obras, para o autor, a mulher possui sua própria maneira de sentir o sexo. E Hilst vai quebrar esses padrões mostrando o sexo de forma voraz e arrebatadora.

Além do erotismo e obscenidade no *caderno rosa de Lori Lamby*, a autora toca em um ponto ainda mais difícil, um tabu social que é a pedofilia. Transgredindo a moral e os bons costumes, o livro faz alusão à sexualidade de uma criança, que narra suas aventuras sexuais de forma tão minuciosa e intensa, que deixa o leitor no limiar de seus conceitos morais. Desafiando-o a entrar em um universo de perversão em que o principal ponto de apoio se encontra no fim da narrativa, onde o desfecho revela que a obra era apenas devaneios da menina. E entre o alívio e a calma se instala a crítica: quantas Lori's existem no mundo e muitas vezes ninguém as percebem, fazem vistas grossas ou até que ponto o desejo sexual pode surgir de uma criança de apenas oito anos?

O sexo nas obras de Hilst soa de forma natural, às vezes em formas de escárnio e humor, mas apesar de trazer para a literatura o erotismo, Hilst também é direta em suas palavras. Trata de assuntos sérios, faz críticas políticas e sociais mostrando no *Caderno rosa*, a força que o Capitalismo e a mídia exercem sobre o homem e principalmente nas crianças.

[...] Ele perguntou me lambendo se eu gostava do dinheiro que ele ia me dar. Eu disse que gostava muito porque sem dinheiro a gente fica triste porque não pode comprar coisas lindas que a gente vê na televisão. Ele pediu pra eu ficar dizendo que gostava de dinheiro enquanto ele me lambia. Eu fiquei dizendo: eu gosto do dinheiro[...] (HILST, 2005, p.12)

Outra crítica aguçada pela autora é em relação ao mercado editorial, na História, o pai de Lori é um escritor mal-sucedido, que é obrigado pelo agente da editora a escrever histórias obscenas para atrair certo tipo de leitor, e vender as suas obras, dessa forma, a narradora enfoca a todo o momento a pressão sofrida pelo escritor para enquadrar suas obras em uma determinada linha, a fim de serem vendidas.

[...] Eu já vi papi triste porque ninguém compra o que ele escreve. Ele estudou muito e ainda estuda muito, e outro dia ele brigou com o Lalau, que é quem faz na máquina o livro dele, os livros dele, porque papai escreveu muitos livros mesmo, esses homens que fazem o livro da gente na máquina têm nome de editor, mas quando o Lalau não está aqui o papai chama o Lalau de cada nome que eu não posso falar. O Lalau falou pro papi: por que você não começa a escrever umas bananeiras pra variar? Acho que não é bananeira, é bandalheira, agora eu sei. (HILST, 2005, p.14)

Em vários contextos a autora revela que suas obras são incompreendidas e discriminadas. Ainda há um véu de moralidade que cobre o homem que, para negar algo que é intrínseco à sua natureza, prefere condenar os atos ligados ao sexo, principalmente quando eles partem de uma mulher. Vale ressaltar que, o preconceito não surge somente da ala masculina, mas também de muitas mulheres que se sentem ofendidas com as obras de Hilst. Porém, apesar da incompreensão habitual, Hilda Hilst vem ganhando destaque no cenário literário nacional e suas obras estão no centro de pesquisas e debates acadêmicos, contudo, esse olhar vasto e amplo, capaz de perceber a beleza em meio ao obsceno, está relegado aos Estudos Culturais, que permitem com que as produções antes consideradas marginais e descentralizadas sejam vistas sob uma nova ótica. Segundo MEDEIROS (1998), ““Os estudos Culturais parecem decretar justamente o fim do método canônico e o fim da perspectiva única na leitura do ‘artefacto’ literário, para nos limitarmos ao âmbito da Literatura Comparada[...]”” (MEDEIROS, 1998, p.54). Os Estudos culturais anunciam o fim de uma visão homogênea da Literatura e abrem os horizontes para o novo, para o plural e para a diversidade.

Hilst ao mesmo tempo em que quebra as concepções do seu tempo, demonstra mais que todos apreender o momento em que vive e escancara os problemas da sociedade se mostrando uma mulher contemporânea. De acordo com Agamben (2009), ser contemporâneo não é estar à frente do seu tempo, mas sim apreender a essência do seu tempo como se observasse de outro patamar.

[...] Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado as suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 58).

Dessa forma, a autora se torna contemporânea, por olhar o seu tempo com os olhos críticos, poder se distanciar para ver melhor, mas mesmo assim, se manter dentro do seu tempo, enxergando a escuridão e recriando a partir dela novas concepções, “[...] contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente [...]” (AGAMBEN, 2009, p. 62), e quem mais do que Hilda para moldar a escuridão dando novas formas e novas nuances? Bailar com a obscenidade, dançar com o erotismo e tirar notas musicais da perversão, fazendo com que o escuro ganhe pinceladas de luz.

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas manter fixo olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. (AGAMBEN, 2009, p. 65).

Hilst, sentindo os escuros do seu tempo, conseguiu apreender os raios de luz e assim revelar uma história que, apesar de atemporal, se encontra tão entranhada no momento presente e ao mesmo tempo tão distante da época de Hilst. Quem lê *O caderno rosa de Lori Lamby* percebe a contemporaneidade, como se nesse momento, a narradora conseguisse revelar ao mundo todos os anseios pervertidos e degenerados que são encobertos pela sociedade, mas que existem nos escuros de todos os tempos.

O caderno de deslumbramentos de Lory Lamby

O caderno rosa ficou oculto durante algum tempo devido ao seu conteúdo. Algumas discussões levaram a enquadrá-lo com pornográfico. O livro de Hilst choca principalmente pela personagem principal ser uma menina e envolvê-la em várias aventuras sexuais. O susto, o assombro abriu espaço para a surpresa e enfim, através de uma leitura mais apurada pode-se notar que a autora utiliza-se do erotismo crítico e audacioso, de acordo com Paes (2006),

Efeitos imediatos de excitação sexual é tudo quanto, no seu comercialismo rasteiro, pretende a literatura pornográfica. Já a literatura erótica, conquanto possa eventualmente suscitar efeitos desse tipo, não tem neles a sua principal razão de ser. O que ela busca, antes e acima de tudo, é dar representação a uma das formas da experiência humana: a erótica. (PAES, 2006, p. 15).

O que se pretende nesse estudo, não é apontar distinções entre o erótico e o pornográfico e sim entender como ambos interagem coerentemente no Caderno Rosa escrito por Hilst. Nota-se que o pornográfico não está reduzido somente à questão comercial como afirma Paes, mas este também é usado como meio de subjetivação do leitor gerando questionamentos de cunho moral em relação à história contada pela menina.

A linguagem é a principal arma da autora para expressar o erotismo e seduzir o leitor. A narradora da história é Lori Lamby, uma menina de oito anos, que inocentemente vai escrevendo suas memórias em seu caderno rosa. A linguagem infantilizada, os apelidos dados aos órgãos genitais (piu piu, cacetinha, coisa-pau, entre outras) traz uma aura humorística e sedutora. Como expressa a seguinte passagem da obra:

[...] Que bom que as pessoas têm língua e têm dedo. E que bom que eu tenho bocetinha. Aí eu falei assim, sem querer: eu amo você, Abel. Aí ele ficou com os olhos molhados e disse: eu também amo você, Lorinha, agora dá uma chupadinha no meu Abelzinho. Ele ficou na beirada da lagoinha e eu fui como um peixe chupar e lambem o Abelzinho. Achei lindo ele chamar a coisa-pau dele de Abelzinho e disse que ia chamar assim todo o mundo. Aí ele falou: não faz a tonta, Lorinha, você só pode chamar de Abelzinho o meu pau. Depois ele me tirou da água e disse que precisava me ensinar a chupar o Abelzinho, que às vezes eu podia descansar e conversar um pouco com ele, com o Abelzinho. E depois chupar de novo. [...] (HILST, 2005, p.31).

Cada aventura da menina impõe uma sensação de risco, de cumplicidade e de excitação, pois a linguagem por vezes simples e direta permite esse envolvimento do leitor, sendo esta, uma armadilha da autora para segurar o leitor até o desfecho final.

Lori Lamby é astuta, consegue captar os acontecimentos em sua casa. Primeiro a relação problemática entre seus pais. A criança sempre presencia cenas de briga e ofensas proferidas mutuamente. De certa forma, a criação do caderno é uma fuga a ausência dos pais em sua vida, sempre que Lori tenta dialogar com qualquer um deles é tolhida, colocada a escanteio.

Não sei por que as histórias pra criança não tem o príncipe lambendo a moça e pondo o dedinho dele maravilhoso no cuzinho da gente. Quero dizer da moça. Papi poderia escrever histórias lindas pra criança contando tudo isso, e então eu fui falar com ele mas não deu muito certo porque mamãe e ele brigaram. Então foi assim:

“Papi, já que o senhor quer ganhar dinheiro do salafra sacana filho da puta do Lalau”

“Não fala assim, menina”.

“Mas é você que fala assim, papai”.

“Tá vendo? Tudo o que a menina fala, tá vendo?” – disse a mamãe.

Então o papi falou pra mami calar a boca mas a mami começou a falar sem parar, ela disse que o bom mesmo era ele escrever do jeito do Henry Miller, que: “Você quer saber, Cora, eu acho o Henry Miller uma pústula (Cora é o nome da mami), isso mesmo, uma pústula, uma bela cagada”. “Você tem coragem de dizer que o Henry Miller é uma pústula?” “Tenho, e quer saber? sua judas, eu trabalhei a minha língua como um burro de carga, eu sim tenho uma obra, sua cretina”. (HILST, 2005, p. 56-57).

A depressão do pai preocupa Lori, o desespero para publicar, para ganhar dinheiro reflete diretamente na menina, que em paralelo ao seu livro (cadernos negros) escreve sua própria estória. Amparada aos conselhos do editor Lalau ao pai, em que o que realmente vende é bandalheira, passa a registrar o que para ela faz parte desse universo. Vale ressaltar, que Lori registra um pouco de tudo. Seu desejo de aprender, de conhecer e experimentar as coisas são grandes. Na falta de explicação, ela busca no dicionário, nada a impede de entender o universo a sua volta e dessa forma vai recriando e ressignificando sua trajetória. O Choque dos pais ao descobrirem o caderno de Lori os leva a loucura e como eles não perceberam que a filha aprendeu tudo que escreveu em seu caderno rosa em casa, Lori explica:

[...] Sabe, papi, tudo bem direitinho também não dá pra explicar. Eu só queria muito te ajudar a ganhar dinheirinho, porque dinheirinho é bom, né papi? Eu via muito papi brigando com tio Lalau, e tio Lalau dava aqueles conselhos das bananeiras, quero dizer bandalheiras, e tio Laíto também dizia para o senhor deixar de ser idiota, que escrever um pouco de bananeiras não ia manchar a alma do senhor. Lembra? E porque papi só escreve de dia e sempre tá cansado de noite, eu ia bem de noite lá no teu escritório quando vocês dormiam, pra aprender a escrever como o tio Lalau queria [...] E todas as vezes que dava certo de eu ir lá eu lia um pouquinho dos livros e das revistinhas que estavam lá no fundo, aquelas que você e mami lêem e quando eu chegava vocês fechavam as revistinhas e sempre estavam dando risada. Eu levei umas pouquinhos pro meu quarto e escondi tudo, também o caderno eu escondi lá naquele saco que tem as minhas roupinhas de nenen que a mami sempre diz que vai guardar de lembrança até morrer mas nunca mexe lá. (HILST, 2005, p. 77)

A presença de Lori nos momentos de discussões calorosas passava despercebida dos pais, assim como as suas leituras no escritório e os furtos de revistas e outros materiais “proibidos”. Clandestinamente a menina transgride o espaço do seu lar e o transforma em um laboratório de experiências e descobertas.

Para haver uma transgressão é preciso quebrar aquilo que é considerado regra ou padrão, Bataille (1987) denomina de interdito, ou seja, proibições que são impostas de cunho religioso, social, moral, etc. E Hilst quebra com os paradigmas religiosos e morais. Transgride com a língua, com as palavras diáfanas, transgride com o corpo da

criança profanado e prostituído, mas, segundo Bataille (1987) “Não existe interdito que não possa ser transgredido. Frequentemente a transgressão é admitida, frequentemente mesmo ela é prescrita[...]” (BATAILLE, 1987, p.59). Quanto maior o interdito mais a transgressão se torna iminente. Para a personagem criar uma história sobre as bandalheiras do sexo também é uma transgressão em resposta ao interdito dos seus pais.

Para Georges Bataille (1987), o movimento de transgressão e interdito é constante, onde se transgride também se restabelece o interdito, até este se irromper novamente em transgressão.

“Os homens são em um mesmo tempo submetidos a dois movimentos: o terror, que intimida, e a atração, que comanda o respeito fascinado. O interdito e a transgressão respondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito intimida, mas a fascinação introduz a transgressão . O interdito e o tabu não se opõem ao divino senão num sentido, mas o divino é o aspecto fascinante do interdito: é o interdito transfigurado. (BATAILLE, 1987, p.64).

O Interdito dos pais a Lori eram as proibições dos materiais pornográficos, que não cabiam a ela quanto criança, nesse jogo de esconde-esconde a curiosidade e o fascínio pelo o proibido cresce e aguçam principalmente nas crianças. De acordo com Freud (1996), a criança descobre a sexualidade naturalmente, porém, há situações em que os adultos que a cercam tentando ocultar o assunto, acabam por atizar à sua curiosidade e assim a criança avança no sentido de aprender o que lhe foi oculto.

A curiosidade nos leva a esmiuçar coisas que teriam pouco ou nenhum interesse para nós, se tivéssemos sido informados com simplicidade. Se fosse possível manter essa ignorância inalterada, eu poderia aceitá-la, mas isso é impossível. O convívio com outras crianças, as leituras que induzem à reflexão e o mistério com que os pais cercam fatos que terminam por vir à tona, tudo isso na verdade intensifica o desejo de conhecimento. Esse desejo, satisfeito apenas parcialmente e em segredo, excita seu sentimento e corrompe sua imaginação, de forma que a criança já peca enquanto os pais ainda acreditam que ela desconhece o pecado. (FREUD, 1996, p.138).

O desejo sexual não se desenvolve na criança somente com o desenvolvimento dos órgãos genitais, “[...] O interesse intelectual da criança pelos enigmas do sexo, o seu desejo de conhecimento sexual, revela-se numa idade surpreendentemente tenra[...]” (FREUD, 1996 p. 140.) O que acontece com a personagem, o crescimento do seu interesse pelas atividades sexuais, se dá pelo seu acesso à informação, ocupando sua mente e como a argúcia da criança é enorme ela canaliza sua imaginação nas páginas do seu caderno.

E esse conhecimento sexual vai moldar sua personalidade, a partir daí todas as histórias, os contos de fada, as fábulas que Lori Lamby conhece ela recria com

passagens sexuais, e finaliza propondo lançar um livro para crianças, cujo título “O cu do sapo Liu-liu e outras Histórias” confirmando que a semente obscena continua a germinar na imaginação de Lori.

Nuances de rosa choque

Quando Hilda Hilst se aventura pela Literatura Erótica, ela mergulha pelo lado marginal (ao qual já pertence) da sua obra, sem medo, pois sempre lidou com a rejeição, mas esse novo teor também mudou de certa forma, a cena literária brasileira, apimentando e deixando os críticos perturbados. Transgredindo a visão que mulher escreve “com suavidade”, *O caderno rosa de Lori Lamby* mostrou que a mulher é tão boa em escrever “bandalheiras” quanto o homem, porém em meio ao escrachado a autora não deixou de lado sua erudição, metaforizando questões sérias, deixando o verdadeiro conteúdo nas entrelinhas, pra que o leitor voraz e consciente possa identificá-los e refletir sobre esses pontos.

A narradora criança também é um ponto de transgressão da dicotomia habitual, geralmente o narrador ou é homem ou é mulher, mas quando a voz é dada a uma criança gera o estranhamento. Essa é a chave da autora para desestabilizar os conceitos, incomodar e quebrar estereótipos. O livro de Hilst se firma não como uma obra pornográfica banal e sim uma obra inteligente e dissimulada, feita somente para aqueles que não esperam enxergar as estrelas, mas também a escuridão que elas ocultam.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó- SC: Argos, 2009.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Porto alegre: L&PM, 1987.

DESTRI, Luisa. **Uma superfície de gelo ancorada no riso**: Antologia Hilda Hilst. São Paulo: Globo, 2012.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 24v.

HILST, Hilda. **O caderno rosa de Lori Lamby**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2005.

MEDEIROS, Sergio. **Politeísmo crítico**. In.: Dossiê – Estudos culturais. *Revista Cult*, 1998. Disponível em.: http://textoterritorio.pro.br/alexandrefaria/recortes/cult_fortunacritica_5.pdf. Acesso em: 04 de janeiro de 2014, às 20:00.

TEIXEIRA, Ivan. **Desconstrutivismo**. In.: Dossiê – Estudos culturais. *Revista Cult*, 1998. Disponível em.: http://textoterritorio.pro.br/alexandrefaria/recortes/cult_fortunacritica_5.pdf. Acesso em: 04 de janeiro de 2014, às 19:00.

PAES, José Paulo. **Poesia Erótica em tradução**. Tradução, apresentação, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.